

a imagem contextualizada

entender a fotografia

02 Margarida Medeiros

09 Victor Flores

16 Sandra Vieira Jürgens

23 Filipe Figueiredo

abril 2013 às 18h30

Ciclo de conferências a imagem contextualizada entender a fotografia

Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico

Margarida Medeiros

Espíritos contemporâneos: quando a imagem e os outros mundos se entrecruzam

Desde os seus inícios que a fotografia surgiu, por um lado como ferramenta positivista, que representa o observável de acordo com um dispositivo de 'objetividade mecânica'; mas, simultaneamente, como imagem que convoca a fantasmagoria devido ao seu aspeto de duplo. Esta natureza ambígua permitiu que, a partir de 1863, a fotografia espírita se desenvolvesse como forma de atestar a existência de espíritos, de um outro mundo que estaria em continuidade com este, assumindo, no final do século XIX, formas mais abstratas como a 'fotografia de pensamento' ou de 'fluidos' (com Baraduc e Darget). No final do século XX, esta vocação das imagens mecânicas (fotografia e vídeo) para o imaterial volta a reentrar pela porta não da crença mas da arte, com base nos novos media e inspirados nas características fantasmagóricas que por vezes os novos media assumem (computador, rede) de alguma forma convocando questões semelhantes. Nesta palestra irei falar da forma com a qual artistas como Susan Hiller, Vivan Sundaran, João Maria Gusmão e Pedro Paiva, Gregory Crewdson, Christian Boltanski, Clare Strand, Jonathan Allen, Jorge Queirós, entre outros, recorrem a temáticas ocultistas para pensar algumas das grandes questões da cultura contemporânea.

Biografia

Margarida Medeiros é licenciada em Filosofia e Doutorada em Ciências da Comunicação. É atualmente Professora Convidada do Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde leciona disciplinas na área de Cultura Visual e de Teoria da Fotografia. Entre as obras que publicou destaca o livro *Fotografia e Narcisismo - O Auto-retrato Contemporâneo* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2000), *Fotografia e Verdade – Uma história de Fantasmas* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2010) e *A Última Imagem* (Fotografia de uma Ficção) (Lisboa, Documenta, 2012). Desde 1989 que publica regularmente, em jornais e revistas, na área da crítica, história e teoria da fotografia.

Victor Flores

Preço a pagar por espreitar!: a fotografia estereoscópica e a condenação moral dos prazeres visuais

As práticas estereoscópicas da fotografia no século XIX deixaram-se conotar com o entretenimento, tendo-se tornado incompatíveis com as novas necessidades públicas de fazer valer a fotografia como uma imagem objetiva e verdadeira. A popularidade da fotografia estereoscópica revela-nos que correspondeu a necessidades sociais bastante enraizadas na segunda metade do século XIX. Se, por um lado, a estereoscopia oferecia detalhe e precisão, por outro, vinha expandir a visualidade oferecendo imersão e 'prazeres visuais'. A apropriação da fotografia pelos poderes públicos no final do século XIX exigiu que a fotografia não fosse confundida com 'ilusões' ou 'truques visuais'. Esta comunicação visa esclarecer como as reprovações morais desses prazeres visuais, que inicialmente visaram os peep shows e outras caixas óticas, vieram também atingir a reputação e ameaçar a continuidade deste medium. Contrariamente aos fortes investimentos que as atuais indústrias da imagem fazem nas experiências imersivas e táteis das novas interfaces, o pioneirismo da fotografia estereoscópica nessas experiências foi criticado como desnecessário e promíscuo. Apesar de condenada desde o seu início, a relação entre fotografia e estereoscopia antecipou uma incursão das imagens pelos outros sentidos que hoje muito estimamos.

Biografia

Victor Flores doutorou-se em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova em 2009. É Professor Associado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias onde leciona 'Cultura Visual', 'História Social das Imagens Técnicas', 'Metodologias de Análise de Imagem' e 'Programação Cultural'. É diretor do mestrado em Programação e Gestão Cultural (ECATI-ULHT). É membro do Centro de Investigação em Comunicação, Arte e Novas Tecnologias (CICANT). Publicou os livros 'A Imagem Técnica e as suas Crenças. A Confiança Visual na Era Digital' (Vega, 2012), 'Minimalismo e Pós-Minimalismo: Forma, Anti-Forma e Corpo na Obra de Robert Morris' (Labcom, 2007). É investigador responsável do projeto de investigação 'Cultura Visual Estéreo. A Cultura Visual da Fotografia Estereoscópica Portuguesa' financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia em 2012.

Sandra Vieira Jürgens

Mais do que uma Imagem

Apesar do desenvolvimento de discursos estéticos diversificados, reconhecemos condições comuns nos principais paradigmas e referências que coabitam na cultura fotográfica da atualidade. Pensemos no lugar privilegiado da apropriação, da narrativa, na serialidade e na crítica à primazia da imagem individual, no domínio projetual e na consolidação do conceito de investigação artística, que hoje tanto remete para o processo criativo como para o registo documental ou para a especulação teórica. Serão estas novas formas de ver e pensar a prática fotográfica?

Biografia

Diretora da ARTECAPITAL (www.artecapital.net), plataforma online dedicada à arte contemporânea. Licenciada em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, desenvolve desde 2000 atividades na área da história e crítica de arte. Publicou livros, ensaios e inúmeras entrevistas e textos sobre arte contemporânea em catálogos e publicações da imprensa especializada. É professora universitária desde 2008.

Filipe Figueiredo

Fotografia e teatro: representar o quê?

A proximidade dos territórios da fotografia e do teatro são mais do que meras coincidências. Não será um acaso que tantos fotógrafos tenham como ponto de partida da sua atividade a arte de palco e que tantos outros agentes do mundo teatral tenham encontrado na fotografia um espaço de cumplicidades. Se o caráter mais partilhado por ambas é o da representação, subjaz sempre a questão *quem representa o quê* que nos mergulha tantas vezes no vórtice de uma autêntica *mise-en-abyme*. O domínio concreto da fotografia de teatro oferece-se, assim, como uma oportunidade para testar os limites da fotografia e clarificar alguns aspetos da sua natureza.

Biografia

Investigador na área da fotografia, Filipe Figueiredo é Mestre em História da Arte (FCHS/UNL), com uma tese dedicada ao estudo da obra de Domingos Alvão e da Fotografia Portuguesa na primeira metade do séc. XX. É atualmente doutorando (Bolsheiro FCT) em Estudos Artísticos / Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), cuja dissertação procura tratar os Modelos e Práticas da Fotografia de Teatro em Portugal. Tem desenvolvido investigação sobre Iconografia Teatral, nomeadamente no âmbito do Projeto OPSIS (2008-2010), no Centro de Estudos de Teatro (FLUL) onde é Investigador integrado. Desenvolveu atividade docente em várias instituições (Atelier de Lisboa, RESTART, ESTAL) e é Professor Auxiliar Convidado do IADE (Lisboa).

arquivomunicipal de lisboa
fotográfico



Direção Municipal da Cultura
Departamento de Património Cultural
Divisão de Arquivo Municipal

Rua da Palma, 246 | tel. 218844060 | <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt> | arquivomunicipal@cm-lisboa.pt

Horário de funcionamento: exposição segunda a sábado, das 10h às 19h | Sala de leitura segunda a sexta, das 9.30h às 17h